

UM PANORÂMA DE BRASIL PELOS OLHOS DE UM JOVEM FILHO DE PROPRIETÁRIOS DE TERRAS: UM ESTUDO DO ROMANCE *DIÁRIO DO FAROL* (2002), DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Héder Junior dos SANTOS

Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista/ Assis
heder_eu@hotmail.com

RESUMO: Analisamos o romance *Diário do Farol* (2002), de João Ubaldo Ribeiro. Essa narrativa contemporânea revisita o período ditatorial iniciado em 1964 em nosso país através de um narrador ensimesmado, cínico, arbitrário e coercitivo. Despido das máscaras sócio-políticas de esquerda ou direita, esse narrador-anônimo nos conta sua trajetória anti-heróica que vai do rural ao urbano, do relacionamento coletivo (família, seminário e carreira episcopal na cidade) ao isolamento num farol na ilha de Água Santa, perpassando os conturbados anos de chumbo. Configura-se nessa história um panorama do Brasil sob o olhar esquizofrênico de um jovem filho de proprietário de terras perturbado em suas relações e em crise com as instituições sociais que o cercam. Nesse sentido, a análise traça perspectivas que visam elucidar de que maneira se aglutinam na forma narrativa uma tradição patriarcal esfacelada e uma modernização sem modernidade como elementos para se pensar, entre outros aspectos, a violência legitimada no cerne da história, arte e relações sociais no Brasil. Para isso, partimos de alguns pressupostos norteadores: da particularidade como valor estético na obra de arte, da consciência construtivo-intelectiva cultivada pelo escritor, da arte como mediadora da realidade histórico-social brasileira, e por fim, da arte como reflexo das condições sociais e humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Tradição; Modernidade; Literatura e sociedade; Literatura brasileira contemporânea.

1. A caracterização do mundo em face da própria classe

Ao nos defrontarmos com uma obra de cultura da contemporaneidade que nos transporta ficcionalmente para o passado, encaramos alguns problemas, que por ventura, devem ser levados em consideração. Num primeiro aspecto, o passado retomado pelo olhar do presente encontra-se permeado pela lógica sócio-cultural deste, e não daquele, pelo menos na maioria das vezes. No entanto, a reconfiguração do passado se justifica, quase que invariavelmente, por reminiscências que afetam o comportamento e a subjetividade dos indivíduos; é como se o mesmo permanecesse vivo, ressoando por meio de efeitos dispersivos próprios das relações sociais (mídia, moda, cultura, políticas públicas, etc). Muitas vezes irresolutas, as problemáticas no interior de uma sociedade nos levam a sucessivos retornos a nossa própria história, sempre amparados em novas (ou nem tanto) lógicas científicas e culturais, com a finalidade de se tentar compreender, a partir de um novo traçado, a ponte que liga o passado ao presente.

O que nos é proposto em *Diário do farol* é voltarmos ao contexto histórico do recente período ditatorial no Brasil, munidos das perspectivas de um narrador cético e que desdenha das aspirações políticas de direita ou esquerda, destoando dessa característica essencial que

marcou a sociedade daquele momento e as produções culturais que dela emanavam.¹ Neste romance, temos a presença de um narrador arbitrário, cínico e coercivo.² Isto é até simples de se entrever, a partir das advertências que nos dá o próprio narrador-protagonista, “conto aqui a mais integral verdade e acredito mesmo que me enfureceria a ponto de matar quem duvidasse dela” (RIBEIRO, 2002, p. 9). Como é possível notar, a história é contada em primeira pessoa e limita-se a registrar e focalizar os pensamentos, as percepções e os sentimentos desse narrador, que já no início de seu relato nos informa, “nunca escrevi nada além de eventuais cartas, bilhetes ou sermões e o que escrevo neste instante não vem da ambição tola de fazer um livro, mas de um impulso vital e essencial a minha completa existência” (RIBEIRO, 2002, p. 9).

Por meio de um relato confessional, a obra em questão nos coloca em contato com uma forma de narrar que descortina as profundidades do “eu” e emprega à diegese um caráter introspectivo, intimista e memorialista. Outorga-se uma atenção particular à análise das paixões, dos ranços e dos (des)propósitos do protagonista, descurando não apenas a representação dos meios sociais, mas também, a caracterização das outras personagens. Essa técnica revela-se adequada para o devassamento da subjetividade da personagem central do romance, que desnuda a si mesma, enquanto vai deflagrando suas impressões sobre o meio. As emoções, os pensamentos mais secretos, as frustrações e as raivas, o ritmo da vida interior, tudo, enfim, o que constitui a história da intimidade de um homem é miudamente confessado ao leitor pelo próprio indivíduo que viveu essa história.

Até hoje sou assim, e não sei se nasci desse jeito, ou fiquei desse jeito devido aos acontecimentos de minha infância, mas sou um peculiar cretino cronográfico, tenho dificuldade em lembrar anos e datas e em saber a correta sucessão de muitos eventos. Mas isto não tem grande importância. A verdade é que notei em algum momento, durante ou pouco depois da comoção pela chegada do cadáver de minha mãe, uma troca de olhares entre meu pai e minha tia, que deixou tudo óbvio para mim, não precisava mais de evidência nenhuma. Eles haviam planejado e executado o assassinato de minha mãe porque eram amantes e queriam ver-se livres dela [...] (RIBEIRO, 2002, p. 30).

É um narrador anônimo que relata sua trajetória anti-heróica em *Diário do farol*. Ele inicia com suas memórias acerca da vida rural que ambientou sua infância. É filho de coronel e herdeiro da casa-grande. No entanto, é um cenário ornado de violência paterna, tragédia e

¹ Sobre este aspecto da produção cultural no Brasil nos anos de 1960, ver Schwarz, R. *Cultura e Política*, 1964-1969. In *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. “Durante este breve período, em que polícia e justiça não estiveram simplesmente a serviço da propriedade, as questões de uma cultura verdadeiramente democrática brotaram por todo canto, na mais alegre incompatibilidade com as formas e o prestígio da cultura burguesa” (p. 20).

² A questão da “arbitrariedade” como componente da forma em *Diário do Farol* é aqui pensada nos mesmos termos em que foi aplicada à forma do romance machadiano. De maneira geral, trata-se da incorporação do comportamento arbitrário das classes dominantes à literatura. Compõe-se um enredo marcado pelo posicionamento unilateral de determinada(s) personagem(ns), que deste modo mina a autonomia das demais, submetendo-as. Impregnada à própria forma do romance, a arbitrariedade impede a distensão e o desfecho incerto das situações de conflito, uma vez que tudo se decide pela vontade dos donos do poder. A similitude com as obras machadianas dá-se não somente pelo efeito arbitrário como o narrador conduz a história, submetendo os desenlaces a sua vontade incondicional, mas também pelo próprio teor psicologizante da composição da prosa e da personagem central, que encobrem ou dificultam a visão do todo social, geralmente colocado apenas como pano de fundo. Muito embora não tenhamos explorado todas as possibilidades destas questões, elas nos inspiraram no deciframento do foco narrativo do romance de João Ubaldo. Para um aprofundamento mais rico em detalhes ver Schwarz, R. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000 e _____. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. São Paulo: Editora 34, 2000.

solidão que marcam os primeiros anos de sua formação. Conforme ele mesmo nos declara a seguir.

[...] poderia fantasiar uma infância mais ou menos feliz, se me deixasse iludir pelas falsificações da memória e se não fosse surrado pelo menos uma ou duas vezes por semana, geralmente nu e rolando pelo chão, para que depois minha madrasta, dizendo frases consoladoras que contradiziam monstruosamente seu semblante prazenteiro, me aplicasse compressas de água, vinagre e sal sobre os vergões de minha pele. Todos os dias também – não consigo esquecer isso e tenho pesadelos até hoje [...] (RIBEIRO, 2002, p. 32-33).

O não-florescimento de características masculinamente marcantes para um patriarca, como se tornar um bom jogador de futebol, um menino bravio, viril, destemido, “um homem na expressão da palavra” (RIBEIRO, 2002, p. 39), ou melhor, “um filho homem com H maiúsculo” (RIBEIRO, 2002, p. 74), faz com que nosso narrador tenha que abandonar sua “vontade de ser um cadete do ar [...] com óculos de aviador sobre a testa e pertencendo a uma casta super-humana” (RIBEIRO, 2002, p. 36), e seja obrigado pelo pai a estudar no seminário de Pedra do Sal, “que acolhia as vocações sacerdotais, manifestas ou forçadas [...] dos meninos de boa família da região, além de servir de colégio de meninos para a cidade relativamente grande onde se localizava” (RIBEIRO, 2002, p. 35).

Nesta parte da história, o narrador apresenta imbricadamente o espaço urbano, ainda que fechado nos muros do seminário, e o rural, quando ele passa férias na fazenda. Nessas idas e vindas, nasce sua meia-irmã, o que distancia desesperadamente o sonho do pai de constituir uma família cheia de varões que dêem continuidade ao seu legado patriarcal. No entanto, pouco tempo depois nasce seu meio-irmão e morre tia Eunice, por complicações no parto. O narrador-personagem é amparado pela voz de além-tumulo de sua mãe e pela leitura assídua de romances detetivescos e revistas sobre agroindústria, para colocar em prática um plano de destruição e vingança do pai, que inclui a morte de seus meio-irmãos por “arsênico branco, com a textura quase igual a do pó branco dos sais minerais acrescentados às mamadeiras matinais” (RIBEIRO, 2002, p. 90).

Já o seminário, curiosamente, apresenta-se ao narrador “mais ou menos como uma penitenciária” (RIBEIRO, 2002, p. 60), onde “tudo se consegue [...] a depender dos contatos que se fazem” (RIBEIRO, 2002, p. 60). Nesse contexto, aflora-se sua capacidade de liderança e articulação interpessoal. Ele utilizava “um caderno onde anotava tudo o que via e ouvia que pudesse ser usado contra colegas, padres ou professores leigos” (RIBEIRO, 2002, p. 58). Isso faz com que adquira a confiança do reitor da instituição, denunciando práticas homossexuais entre os padres e os alunos (como o Pe. Corelli e Virgílio). O narrador também incrimina colegas e torna-se assistente na paróquia de Praia Grande, onde compactua com as promiscuidades do padre-chefe com as beatas, já que também se relaciona sexualmente com as noivas que vinham ter orientações religiosas. Entre estas se destaca Maria Helena, a única que rejeita as investidas do narrador, o que faz com que ele se apaixone por ela. Astutamente, é eleito pároco desse local com a morte do padre, ainda que seja cotado para carreira episcopal, o que torna possível sua permanência na cidade e fortalece a obsessão por vingança das duas rejeições – de Maria Helena e do próprio pai, já fortemente debilitado pelo assassinato dos outros dois filhos.

Acontece o golpe militar de 1964, e aqueles que subvertem a esse mando político são investigados, presos, seqüestrados e exilados. Grupos de conscientização de esquerda são procurados e desfeitos por determinações policiais-militares, como ocorre com Maria Helena, seu noivo e alguns amigos em Praia Grande. Dentre estes, temos nosso narrador, que se mantém no grupo apenas para dar continuidade a seus planos de vingança. Como não possui

preferência política alguma, ou melhor, ele é descrente de ambas as posições de direita ou de esquerda, o que ambiciona é a realização pessoal e plena de suas vontades, conforme ele mesmo destaca no seguinte monólogo interior:

Pensasse bem, que diferença havia entre um lado e outro? Em ambos existia gente honesta, em ambos existiam canalhas e, além de tudo, tudo aquilo era episódico, nada tinha tanta importância quanto parecia ter. Quem continuava ter importância era eu e eram meus projetos. A eliminação de meu pai e o acerto de contas com Maria Helena eram tudo em que devia pensar agora e tudo o que devia nortear minhas ações. (RIBEIRO, 2002, p.205)

Munido de tais artefatos, João Ubaldo Ribeiro nos conta a trajetória de vida desse jovem padre sociopata. Vale salientar que um narrador com tais atributos (filho de coronel e padre) age conforme sua tradição de classe, já que representa instâncias da vida social do período, um coronelismo esfacelado e a igreja, que se querem pairando sobre as contingências políticas. Em razão disso, ele pensa que tudo além de eterno é feito para o seu deleite – de Maria Helena aos assassinatos. Ou seja, num outro momento³, ele ainda segue o exemplo das arbitrariedades paternas. Num percurso que vai do rural ao urbano, do relacionamento coletivo ao isolamento num farol na ilha de Água Santa, atravessando os conturbados anos de chumbo, o que se configura nessa narrativa é um panorama do Brasil sob o olhar esquizofrênico de um jovem perturbado em suas relações familiares e em crise com as instituições sociais que o cercam.

Ainda no que se refere ao ponto de vista adotado pelo narrador de *Diário do Farol*, é importante que destaquemos a nota paratextual⁴, em forma de epígrafe, incorporada na abertura desse ensaio. Ela dá o tom das características que cercam a composição psicológica do narrador. Já no início da trama, notamos sua ousadia em tentar nos convencer, metafictionalmente, sobre sua visão da sociedade e as implicações que dela emanam, por meio de um diálogo franco e direto com o leitor. Algo inusitado, em verdade, pois, ainda que textualmente colocada sob forma de diálogo, não temos a prática dialógica concreta, nos restando apenas acatar ou não suas proposições. Em suma, nossa única possibilidade dialógica de resposta a seus argumentos e insultos é, por vezes, fechar o livro em decorrência de possíveis discordâncias.

A dúvida quanto a este relato é, portanto, para mim, absolutamente inadmissível e o mataria, sim, se tivesse os meios – e provavelmente os conseguiria –, caso você, que me lê, duvidasse e eu soubesse. Ou, na pior das hipóteses, morreria eu mesmo, se você, como adversário, estivesse a minha altura, o que não acho fácil (RIBEIRO, 2002, p. 10-11).

Uma leitura instigante e apimentada é construída por referências diretas ao narratário, em que o narrador-personagem objetivamente desconsidera e desdenha a capacidade reflexiva do leitor, colocando-se sempre numa posição de primazia e maior inteligência. Disso resulta um estreitamento entre narrador-leitor, uma maior proximidade estética com os fatos apresentados. Embora o narrador instigue o leitor a um posicionamento reflexivo, este é

³ É possível deduzir que o pai haja pertencido a um contexto em que as estruturas patriarcais encontravam sustentação, inclusive na própria organização estatal. Daí ele poder exercer suas arbitrariedades sem dissimulação. Já o narrador-protagonista tem sua vida situada num contexto de Brasil em franco processo de modernização. Logo, a necessidade constante da dissimulação para atingir objetivos que já não podem mais ser obtidos explicitamente pelo poder de mando.

⁴ Segundo Gerárd Genette, em *Palimpsestos*, a paratextualidade se manifesta no conjunto da própria obra, como seu título, subtítulo, intertítulos, prefácio, posfácio, advertência, prólogo, notas marginais, de rodapé e de fim de texto, epígrafe, ilustrações, errata, orelha e capa.

sempre nivelado à condição das personagens na economia da obra, ou seja, sempre colocado numa posição de submissão. Por vezes também somos questionados quanto a nossa sanidade, nossas utopias, “sua felicidade, se você se ilude em tê-la, nos moldes em que definiram para você, desde criança, contrariando tudo o que é inato em você ou qualquer outro. Só fazemos o Bem porque somos maus.” (RIBEIRO, p. 11-12).

A caracterização que o narrador realiza de sua personalidade é sempre marcada pela justaposição da sociedade a seus próprios sentimentos: “não sou efetivamente pior do que ninguém, aliás, mas sou o pior que tem consciência desta condição e agora espalha para quem queira saber” (RIBEIRO, 2002, p. 24). Nas páginas preliminares nos deparamos com afirmações do tipo: “Você é sozinho e permanentemente ameaçado” (RIBEIRO, 2002, p. 12), ou que os indivíduos:

[...] que lhes é dado espreitar sobre a alma do próximo se confrontam com sua própria natureza de assassinos, invejosos, devassos, traidores, egoístas, mentirosos, pusilânimes, canalhas, mesquinhos, hipócritas, adúlteros, santos neuróticos, antropófagos, parricidas, matricidas, infanticidas, estupradores, todos, todos, todos os que estão dentro dele mesmo (RIBEIRO, 2002, p. 17-18).

Esta visão sobre a natureza humana que guia o olhar narrativo em *Diário do Farol* poderia muito bem nos remeter ao *Leviatã*, de Thomas Hobbes. Na Psicologia, Freud também trabalhou esta relação entre pulsões naturais de vida e morte e normas sociais castradoras de tais pulsões. Todavia, se observarmos a trajetória de vida de nosso narrador e o solo histórico no qual se deu sua formação, notamos que há uma outra hipótese: o pano de fundo do monstro avassalador é o próprio Brasil. Para o narrador, que se julga despido das máscaras de esquerda ou direita, a satisfação parece ser sempre ampliada, e o momento de crise social torna-se o contexto ideal para um deleite bizarro e sem limites, tal qual sua fala, “não pretendo mudar o mundo. Pretendo, aliás, contribuir para deixá-lo como está, ele é perfeito.” (RIBEIRO, 2002, p. 24). Deste modo, ele reitera sua visão de quem só obteve vantagens, de sua origem social à Igreja. Observamos que, progressivamente, se instala um olhar de classe ainda mais violento, já que esquizofrênico, destituído da mãe que representa a matriz do afetivo, em face da austeridade do patriarca.

2. As transformações na condição patriarcal na esfera privada e na vida pública

O tempo histórico da narrativa de *Diário do Farol* não nos é dado explicitamente. Contudo, por uma série de pistas diegéticas é possível afirmarmos que parte da história passa-se nos anos 1960/70, ou seja, os anos de chumbo da ditadura. Esta referência ao período histórico faz-se presente no que se pode denominar de terceira parte da narrativa, quando o narrador-personagem participa ativamente como torturador nos organismos militares. Isto nos permite intuir que sua infância, em termos temporais, estaria situada antes dos anos de chumbo, e sua velhice na ilha de Água Santa, tempos depois, nada muito preciso, mas passível de assimilação.

Filho de um patriarca e grande proprietário de terras, traumatizado pelos maus tratos do pai, o narrador nos expõe, por meio da memória, fatos sobre sua infância na fazenda em que fora criado. Em tom de melancólicas lembranças vem à tona uma paisagem rural ambígua composta de pomares, flores, pássaros, e “alamedas de barros batido que levavam a planícies de horizonte inatingível, arbustos bravos e tiriricas” (RIBEIRO, 2002, p. 25). Há também uma casa-grande com um “varandão longuíssimo, com um piso de ladrilhos de um vermelho desbotado, [...] abeirada por uma sacada ornada com touceirinhas de flores tristonhas apesar de coloridas” (RIBEIRO, 2002, p. 24-25). Este é o marco zero das lembranças de nosso

narrador e palco das torturas sofridas. Como se pode observar, essas referências encontram-se sempre marcadas por termos que denunciam um olhar infeliz, de degeneração e depreciação do espaço rural.

Os trabalhadores rurais encontram-se dispersos na primeira parte da narrativa de forma bem obscura. Em suas lembranças, o narrador fala de homens e mulheres, de bons capadores de garrotes, porcos e bodes, nada muito preciso, apenas sucintas menções rarefeitas, como a Claudiomiro, responsável por levá-lo e buscá-lo na estação ferroviária. Nesse entremeio, também nos fala sobre a dominação sexual do patriarca em sua propriedade. Não com uma, mas com várias mulheres, das quais se destaca a própria mãe do narrador, também anônima, que é logo substituída por tia Eunice, que ascende à esposa do patriarca e assim inferioriza o trabalho das agregadas Ana e Rosalva, esta “uma cabocla com traços finos de índia mestiçada e os cabelos tão longos e negros que não pareciam naturais”. (RIBEIRO, 2002, p. 34) Assim é o mundo rural de *Diário do Farol*, feito de ranhuras e com pouca exatidão, denotando um foco narrativo exógeno ao contexto, não apenas em termos de tempo, como também de espaço. Ou ainda, como temos um narrador ensimesmado falando sobre um contexto que não é mais vigente, ele opta pela manutenção da representação estereotipada dessas personagens, noção essa advinda da literatura romântica e do senso comum.

O epicentro do conflito entre pai e filho no romance é a morte da mãe, quando nosso narrador tinha apenas cinco anos de idade. O acontecimento fora descrito pelo pai como um trágico acidente, no qual a égua “Briosa tinha passarinhado à beira do Barreiro Alto e a derrubado ribanceira abaixo” (RIBEIRO, 2002, p. 28). Segundo o narrador, seu pai estava de caso com a própria cunhada, tia Eunice, e na impossibilidade de uma separação legal, num tempo em que, conforme suas próprias palavras, “desquite era uma palavra quase obscena e nem se pensava na existência de divórcio” (RIBEIRO, 2002, p. 30) a solução foi dar cabo à vida da esposa. Este conflito dá cadência a um elemento importante na narrativa, referente à relação edipiana que se desenvolve entre pai e filho.

Se não temos elementos diegéticos suficientes para afirmar que há um mundo rural em crise tardia, temos outros que apontam para uma crise das relações internas da família patriarcal, que necessariamente acabam por ressoar no espaço público. Ocorre, porém que, ao contrário de obras do regionalismo brasileiro, como *Fogo morto* (1943), que informa de maneira mais evidente a crise social do modelo patriarcal, em *Diário do Farol*, obtemos um panorama de crise de forma meio esfumada. Não é propriamente o assassinato da mãe que denota tais evidências, pois este fato tem mais relevância para a chave edipiana do romance. Entretanto, a maior identificação do filho com a figura materna, torna-o afeminado aos olhos do patriarca, inapto às lidas da terra e impossibilitado de dar continuidade à grande propriedade rural, como nos evidencia a passagem em que comenta o nascimento de seu meio-irmão.

Sim, agora ele tinha um filho homem e eu que tratasse de ser padre até o fim, porque meu destino, ele já antevia, era o de um fracassado, moleirão e aparvalhado, socado em alguma paróquia de quinta categoria, porque ser bom aluno como eu não era suficiente, era preciso ter tutano, coragem, iniciativa, coisas estranhas à minha natureza e que eu, com toda a certeza, havia herdado da finada minha mãe de sangue, que Deus a tivesse, coitada, com toda a sua debilidade mental. (RIBEIRO, 2002, p.83)

Um elemento caracterizador da crise privada do patriarcalismo surge quando o menino revela ao pai o desejo de ser um cadete do ar, a partir de revistas com as quais teve contato. Temos então um elemento social – revistas – por meio das quais o rural é invadido por novas formas modernas de ser e estar no mundo, e que caracteriza o desinteresse do narrador em comandar futuramente a grande propriedade. Todavia, apesar de nos sugerir que estão

ocorrendo transformações na tradição patriarcal, através de contatos inevitáveis com modernas formas de vida, mais do que evidenciar uma crise do patriarcalismo, esse fato, no interior da diegese, tem uma função mais nitidamente significativa de acentuar o conflito entre pai e filho. Em mais um ato de perversidade, o patriarca lhe nega essa possibilidade e lhe revela que seu futuro já está decidido: tornar-se um seminarista, como também demonstra a progressão do narrado anteriormente citada. Sem desenvolver o conflito nos termos de um rural penetrado pelo urbano, mantém-se nesse momento apenas o acirramento da relação familiar em crise.

Entretanto, se no âmbito privado da ruralidade a crise patriarcal não se insere a partir do peso das transformações sociais, descambando para a rivalidade entre pai e filho, no ambiente urbano ela está posta de uma maneira mais clarificada pelo narrador. No seminário, a organização é do tipo empresarial, envolvendo disputas individuais por postos na hierarquia, assim como pelo carisma junto aos padres. Muito embora ser herdeiro de terras ainda lhe garanta um certo *status*, ao que nos parece, existem outros atributos necessários para se tornar alguém apto ao poder num contexto em que as relações de clientelismo vão perdendo efetividade, embora relativamente.

Quis também a minha boa fortuna que o padre reitor dos meus tempos iniciais fosse substituído por velhice e logo lancei uma campanha para conquistar a confiança do novo. Em poucos meses este já me considerava o mais virtuoso dos seminaristas e contava comigo para tudo, além de ser meu novo confessor – a quem, como todos os outros, eu só confessava o que me convinha [...]. Em breve, o reitor contava comigo para tudo, me confiava seus problemas na função e eu me tornei, de longe, o favorito dele, embora não em termos sexuais, porque isso, com ele, parecia estar fora de cogitação (RIBEIRO, 2002, p. 127).

Deslocado da tradicional ambiência patriarcal do rural, o narrador-personagem passa a utilizar-se do cinismo e da dissimulação mascarados em sua aparente cordialidade social. Embora sempre tenha sido acusado de cínico pelo pai, fica evidente que esta característica tinha função primordialmente defensiva dos abusos e violências paternas na infância. Todavia, em seu processo de desenvolvimento, tais características acabam por compor efetivamente sua personalidade, e, deste modo, a vontade pessoal trilha caminhos tortuosos por meio da dissimulação. Se no velho ambiente rural da grande propriedade o desejo de poder amparava-se na legitimidade plena da tradição, no seminário (inserido narrativamente nas relações urbanas) torna-se necessária a precedência de um comportamento aparentemente ético, falsamente religioso, venal, oportunista e competitivo – relações estas próprias ao mercado – num capitalismo com suas particularidades de periferia. Daí que a calculabilidade não almeje necessariamente a fortuna financeira, uma vez que esta já está garantida, e sim a manutenção de uma posição de poder não mais assegurada simplesmente pela origem social.

Assim, é possível pensarmos que a construção dessa diegese, cujo contexto é a ditadura militar, realiza-se a partir de um movimento que busca uma síntese conclusiva da condição do Brasil de país autoritário. Diferentemente de parte da produção cultural dos anos de 1960, concentrada na crítica do imperialismo e apontando para o inimigo externo, o passado exposto a partir de *Diário do Farol* fixa foco em outro aspecto fundamental, ou seja, o contexto interno. Se nos embrenhamos no fundo social pouco clarificado e constantemente depreciado pelo narrador tem-se a impressão de que ele está o tempo todo nos alertando de que sua condição de sujeito arbitrário, mesmo fora do ambiente original, encontra base de sustentação no Brasil da transição conservadora para as modernas formas de produção. Todavia, sai de cena o despotismo explícito e arcaico (do patriarca, em seus domínios), e entra o jogo político “maquiavélico”, mais complexo, no entanto em esmero àquele, ainda que

haja a necessidade indubitável de dissimulação. Jameson (2000) nos aponta para uma análise desta ruptura na qual haveria a existência de resíduos arcaicos que estimulariam a transformação ou a *reforma* do arcaico em novo (grifo nosso). O domínio do grande proprietário na dinâmica social da moderna política modifica-se, porém, encontra continuidade, como pode ser observado na passagem em que o narrador conta como foi possível frustrar a eleição de um comunista à prefeitura de sua cidade:

E não fiz muito esforço, a não ser, quando falavam bem dele, mostrar claramente que estava disfarçando minha oposição que em grande parte se devia ao fato de ele não usar o tratamento do padre e se dirigir a mim sem me chamar de “senhor”. A campanha surda que elaborei contra ele mesmo receberia um tratado político. Eu não precisaria muito disso, mas contribuí muito ele se dizer materialista, ateu e simpatizante do comunismo, porque isso impressionava mal os que estavam sob meu controle. [...] usei meus confidentes e beneficiários de dinheiro – praticamente quase toda a população da cidade – para minar-lhe insidiosamente a popularidade e exaltar discretamente seu opositor, um conhecido ladrão do erário [...] (RIBEIRO, 2002, p. 125).

Muito pouco se alterará em relação à condição de nosso anti-herói no contexto narrativo da guerra urbana entre comunistas e militares. Entretanto, na capital, no momento da ditadura, o poder político é monopólio dos militares e a atuação do narrador-personagem nesse âmbito perde a autonomia relativa que tinha na cidade de sua antiga paróquia. Sua função será a de um agente-duplo, infiltrado no grupo de Maria Helena, que também passa a atuar na capital. O leitor é ficcionalmente transportado para o momento histórico de “colapso do populismo no Brasil” (IANNI, 1968), num contexto de crescente agitação das massas e de esgotamento dos paternalismos governamentais oriundos do varguismo. Sem as devidas reflexões que aqui não caberiam em detalhe, muito embora o narrador também se furte a detalhamentos objetivos, basta-nos apontar que a ditadura foi o resultado de um novo pacto entre as elites: industrial-moderna e rural-arcaica. Daí que, segundo palavras de nosso narrador, a “ditadura militar foi básica para mim, pessoalmente, às vezes, parece ter sido implantada comigo em mente” (RIBEIRO, 2002, p. 195).

A violência praticada no “moderno” estado brasileiro, marcada pelos abusos da repressão e da tortura, encontra suporte social na tradição patriarcal oriunda de períodos pouco remotos temporalmente. Neste sentido, a transição do narrador-personagem de uma infância rural marcada pelas agressões do pai para um contexto urbano de violência estatal pode ser assimilada pela particularidade da continuidade da violência. Não raro encontraremos alusões à essa similitude de ambos os universos sociais, como quando nos diz o narrador, numa conversa com Coronel Siqueira do DOPS, que marca seu ingresso como agente da repressão: “De novo a cara do coronel se confundiu com outra, a de minha mãe [...] eu estaria a seu lado, para o que desse e viesse” (RIBEIRO, 2002, p. 252). Em suas meditações, ou delírios, conforme já frisamos, era a figura de além-tumulo de sua mãe quem o orientava em seus planos de vingança contra o pai e Maria Helena.

Há inúmeras justificativas por parte do narrador para a imanência da maldade no ser humano, ou ainda, para uma visão de mundo hedonista que chega aos extremos do “prazer” praticando tortura e morte, demonstrada por reflexões do tipo “meu desejo era o prazer novo, o prazer de matar que não tive com meus irmãos, mas agora estava à minha disposição, antes ocultado sob o tapete de uma consciência falsa e agora se abrindo apoteoticamente (RIBEIRO, 2002, p. 268), ou que “liberdade é aquilo, é desfrutar da superioridade, é também demonstrar amor através da tortura, das sevícias e da morte” (RIBEIRO, 2002, p. 287). Todavia, essas reflexões também trazem o essencial para pensá-las sob um ponto de vista de

classe social e de uma conjuntura histórica favorável à violência como chave do processo de modernização brasileira.

Neste sentido, quando nos fala o narrador de “desfrutar da superioridade”, que tipo de superioridade é esta senão a de fazer parte da classe dominante que detém o poder e o monopólio estatal do exercício da violência? Ou ainda, quando nos diz “meu desejo era o prazer novo, o prazer de matar que não tive com meus irmãos”, revela que, no interior da classe dominante a morte ainda é um tabu, embora não deixe de ser cogitada quando se trata de vingança e manutenção do poder individual. Entretanto, extingue-se o tabu quando a violência pode ser canalizada para a forma institucional do Estado no combate às classes subalternas. O prognóstico é extremamente cruel, pois, se no campo da tradição nosso narrador-personagem teve que elaborar planos astuciosos para ocultar sua participação na morte dos irmãos e do pai, na tortura e morte de Maria Helena essa possibilidade se revela “apoteoticamente” livre de entraves.

Em síntese, podemos concluir que a partir desta análise, *Diário do Farol* aponta para o presente a partir do passado. O Brasil moderno é uma composição nada simples de ser decifrada, que aglutina uma tradição patriarcal esfacelada e uma modernização sem modernidade. Enquanto no plano do incremento tecnológico o país conseguiu absorver e implantar modernas técnicas de produção, nas relações sociais o antigo domínio patriarcalista com base na violência transferiu-se para o Estado. A tese é esta, embora esteja dispersa pela construção narrativa e estruturada muitas vezes de maneira confusa sob a forma das memórias de um sádico assassino. O solo histórico fértil de uma democracia, cuja origem já se encontra degradada, ainda dá ensejo a essa violência que, embora enxertada de naturalizações e psicologismos pelo narrador, acaba revelando componentes elementares de violência de classe. Seus agentes também podem ser os mesmos de outrora e, embora haja um discurso muito atual de que enfim vivemos em um país moderno, nosso narrador nos dá o alerta: “de qualquer forma é bom lembrar que, mesmo eu morto, alguém como eu sempre poderá estar perto de você” (RIBEIRO, 2002, p. 302).

No Brasil parece ainda não valer a tese de Marx que deu nome ao livro de Marshall Berman, e tudo que é sólido ao que parece não desmancha no ar! Enquanto “Fausto luta contra o velho mundo, de que ele se libertou, transformando-se em um novo tipo de pessoa [...]”(BERMAN, 2007, p. 75), o narrador-personagem de *Diário do Farol* é o mesmo indivíduo violento do velho mundo patriarcal, cujo poder foi ampliado e incorporado ao Estado “moderno”. Se no *Fausto* temos um movimento da modernidade demolindo com a tradição, no Brasil representado pelo romance de Ubaldo, temos a tradição incorporando a si apenas a parte das modernidades que lhe interessa à manutenção do arcaísmo.

Referências Bibliográficas

- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- GENETTE, G. *Palimpsestes: La littérature au second degré*. Paris: Ed du Seuil, 1982.
- IANNI, O. *O colapso do Populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- JAMESON, F. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. 2. ed. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 2000.
- RIBEIRO, J. U. *Diário do Farol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. *Cultura e Política, 1964-1969*. In: *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Editora 34, 2000.